

"ESTRATÉGIAS" NA SALA DE AULA:  
QUESTÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

Carlos Alberto Gomes

Atas do  
III Congresso Português de Sociologia, Vol. II, 1993

Introdução

O termo "estratégia" tem vindo a ser crescentemente utilizado no discurso social, na análise sociológica em geral e na sociologia da educação em particular. Para Shaw (1990), a difusão da "linguagem estratégica" reflecte, ao nível social, "uma crescente autopercção dos indivíduos e dos grupos sociais básicos tais como as famílias, como agentes em batalha, em constante tensão com os outros indivíduos, grupos e instituições, num contexto social competitivo" (p. 467). Na análise sociológica, recorda Scarth (1987), "o conceito de 'estratégia' foi desenvolvido como uma alternativa aos modelos deterministas de explicação que retratam o comportamento humano como sendo largamente controlado por forças sociais" (p. 246).

Com efeito, explica Crow (1989), "o crescimento do uso do termo 'estratégia' pode ser compreendido como parte de uma reacção contra o tipo de estruturalismo que funciona com leis inexoráveis" e ao facto de a "análise estratégica" ser vista como "oferecendo a oportunidade de superação da clássica dicotomia estrutura/acção" (p. 1). Na sociologia da educação e, mais particularmente, nos estudos da sala de aula conduzidos com base no quadro teórico do interacционismo simbólico, o conceito tem sido utilizado por professores e analistas determinadas práticas interactivas protagonizadas por professores e alunos. Que, nestes estudos, são apresentados como actores sociais com perspectivas e objectivos próprios capazes de pôr em prática "estratégias" para lidar com os dilemas e constrangimentos, de diversa origem e natureza, com que se confrontam. Assim, Woods (1980), um dos mais conhecidos sociólogos interactivistas da educação, ao referir-se aos problemas enfrentados pelos professores salienta que, no ensino, se "tenta alcançar uma grande variedade de objectivos, e a selecção é feita na base de factores tais como os recursos, o ratio professor/alunos, a receptividade dos alunos. Estes interpedem-se como barreiras aos objectivos do professor, e ou são concebidas estratégias para as superar

Instituto de Educação da Universidade do Minho.

ou são seleccionados outros objectivos" (p. 19). As estratégias são, assim, vistas como respostas conscientes e criativas a constrangimentos. Esta representação do conceito merece o acordo de muitos sociólogos. Mas não existe acordo quanto à questão de saber se todas as respostas criativas e conscientes a situações problemáticas podem ser consideradas estratégias. Dúvida esta que nos remete para o debate acerca da utilização do conceito de estratégia na análise sociológica. De facto, como diz Crow (art.cit.), "a medida que o conceito de estratégia se tornou mais comum na sociologia, têm sido salientados certos problemas associados ao seu suporte teórico. Não existe consenso acerca de temas fundamentais como o de saber o que deve ser qualificado como estratégia, a natureza da relação entre estratégias e acção, ou a relação entre as estratégias e a racionalidade" (p. 2).

Mas as divergências começam, logo, na localização das origens teóricas do conceito. Enquanto para Crow (art.cit.) "a base teórica do conceito de acção estratégica reside nas teorias da escolha racional e, em particular, na teoria dos jogos" (p. 4), para sociólogos especializados em questões militares como Knights e Morgan (1990) e Shaw (1990) a origem do conceito situa-se, de forma indiscutível, na esfera militar. Independentemente da questão da sua origem histórica e teórica, o certo é que nas teorias da escolha racional e na esfera militar se encontram definições precisas (mas problemáticas) do conceito.

Neste texto procuraremos, essencialmente, reunir e inter-relacionar alguns elementos teóricos que possam contribuir para a problematização do conceito de estratégia no campo específico da sociologia da interacção na sala de aula, dando especial ênfase às questões levantadas pelas investigações e análises baseadas na perspectiva interacционista da acção humana.

Esta última concepção teve um forte impacto na sociologia da sala de aula, estando na base de estudos que se propuseram analisar, especificamente, aquilo que vários autores consideraram serem as estratégias dos professores e dos alunos. Todavia, estes estudos têm vindo a ser submetidos a fortes críticas. Que sublinham insuficiências teóricas e metodológicas. Uma dessas críticas, elaborada por Scarth (art. cit.), afirma que o conceito interacционista de estratégia não se caracteriza por "uma clara e consistente definição" (p. 251).

O conceito de estratégia na esfera militar e no mundo dos negócios

Como recordam Knights e Morgan (1990), "foi no campo militar que o conceito de estratégia (caracterizado pela ênfase na elite profissional, o total desprezo dos outros actores na organização excepto como recursos para, ou meios de, e o tratamento do ambiente externo como um obstáculo competitivo/inimigo da organização) foi primeiro elaborado como o meio de planejar a guerra e regular os combates. A estratégia envolve, essencialmente, o planeamento da derrota do inimigo no campo de batalha. É uma actividade levada a cabo pela elite militar na qual uma massa de soldados é, se necessário, sacrificada, para alcançar o objectivo de longo prazo. A formação do discurso estratégica, a habilidade para 'ver' e implementar a estratégia correcta era o papel da classe de oficiais profissionais" (p. 477).



Por sua vez, recordam Knights e Morgan (art. cit.), "o desenvolvimento de um discurso sobre a estratégia dos negócios está (desde 1947) associado a duas características: em primeiro lugar, à expansão geral das ideologias e práticas de gestão institucionalizadas através das escolas de gestão (*business schools*) e de outras organizações que reivindicam fornecer um impulso racional e científico ao desenvolvimento das técnicas e processos de gestão. Em segundo lugar, à separação da propriedade do controlo directo da gestão" (p. 478). Para os autores que estamos a citar (art. cit.), o conceito de estratégia faz parte da "linguagem quotidiana" dos dirigentes militares e do mundo dos negócios, integrando-se num "discurso de poder legitimado por normas de racionalidade positivistas e científicas" utilizado pela elite militar para "reivindicar o acesso a recursos escassos, legitimar o seu exercício do poder e, como resultado, manter um status e prestígio privilegiados" e pela elite dos gestores para se apresentar "como um corpo de especialistas neutrais" (pp. 477/478).

A desmistificação deste discurso — ou seja, da estratégia como prática discursiva — permitiria, assim, revelar uma das suas principais funções sociais: a reprodução do poder e influência de duas elites sociais. Com efeito, pensamos que a análise das práticas (e dos discursos) com base num modelo de racionalidade estratégica deve fazer-se tendo em conta que, como observa Lima (1992), "onde se espera encontrar a racionalidade e o planeamento rigoroso encontra-se, por vezes, uma realidade bem diferente, embora frequentemente envolta pela retórica da racionalidade, isto é, pelo emprego retrospectivo da racionalidade, ou pela racionalidade a posteriori, como forma de legitimação, de procura de argumentos depois da tomada de decisões" (p. 71).

A especificidade do conceito de estratégia foi, na esfera militar, claramente definida por Carl von Clausewitz (s.d.) para quem a estratégia "é a teoria da utilização dos combates para alcançar o objectivo da guerra" (p. 95). Esta definição é clarificada através da distinção entre os conceitos de estratégia e de tática. Assim, segundo Clausewitz (op. cit.), "a condução da guerra é a formação e condução da luta (...) mas a luta compõe-se de um número, maior ou menor, de acções separadas, completas em si mesmas, a que chamamos combates (...) e que todas juntas formam novas unidades. Daqui resultam actividades completamente diferentes, a da formação e condução destes combates singulares de per si, e a combinação de uns com os outros, tendo em vista o objectivo final da guerra. Ao primeiro caso dá-se o nome de tática, ao outro estratégia" (p. 94).

Estabelecida para enfrentar situações de conflito real ou potencial em que que, como diz Shaw (1990), o resultado final depende "não de uma estratégia mas de um choque de estratégias" (p. 470), a estratégia militar (cujos princípios teóricos foram adoptados na esfera empresarial e na esfera política) exige capacidade de previsão (assente na obtenção, análise e tratamento da informação pertinente), programação das respostas a dar nos vários 'cenários' possíveis e coordenação (para assegurar a aplicação sistemática e coerente do plano de acção estabelecido). É esta concepção de estratégia que Shaw (art.cit.) considera que "pode ser vista como uma forma relativamente pura de estratégia, menos comprometida ou diluída do que muitas outras" (p. 469). É interessante notar

o facto de este autor admitir formas menos puras de estratégia, ou seja, de estratégias que, em vários aspectos, se podem afastar dos critérios definidores da estratégia na esfera militar e no mundo dos negócios.

#### *As teorias da escolha racional e o conceito de estratégia na teoria dos jogos*

Para Harsanyi (1986), a expressão escolha racional designa, na vida quotidiana, "um comportamento que envolve uma escolha dos melhores meios disponíveis para atingir um determinado fim" (p. 83). Mas, o que significa agir racionalmente do ponto de vista da teoria da escolha racional? Elster (1986) responde expondo alguns princípios básicos desta teoria. Assim, escreve o referido autor, "em ordem a justificar e explicar o comportamento, a teoria da escolha racional apela para três elementos distintos na situação de escolha. O primeiro elemento é o conjunto de todos os possíveis cursos de acção (...) O segundo, é a estrutura causal da situação, a qual determina as consequências a que levarão os vários cursos de acção considerados (...). O terceiro é o escalonamento subjectivo das possíveis alternativas, normalmente derivadas do escalonamento das consequências ou resultados esperados. Por conseguinte, agir racionalmente significa, simplesmente, escolher o elemento mais valorizado do conjunto de todos os possíveis cursos de acção" (p. 4).

Esta definição de acção racional constitui o principal pressuposto da teoria dos jogos desenvolvida, na área económica, por Newman e Morgenstern. Antes porém de vermos em que consiste a dinâmica proposta na analogia do jogo, vejamos em que consiste o conceito de decisão estratégica, na teoria da escolha racional. Segundo Elster (op.cit.), "uma situação estratégica é caracterizada pela interdependência das decisões. Antes de decidir cada agente tem de antecipar o que os outros poderão fazer, o que pode requerer uma estimativa do que eles anteciparam sobre o que ele irá fazer. (...) as decisões estratégicas são o tópico da teoria dos jogos [na qual] as decisões de cada um dependem da escolha de todos" (p. 7). Num jogo, explica Davis (1986), "enquanto um está a tentar imaginar o que estão a fazer os outros, os outros estão igualmente a pensar em quais serão as reacções do seu opositor", e tratando-se de uma situação em que qualquer das partes envolvidas está interessada em ganhar ou, pelo menos, em não perder, "cada jogador deve ponderar até que ponto os seus objectivos coincidem ou chocam com os objectivos dos outros e deve decidir se coopera ou compete com todos ou com alguns deles" (p. 16).

Esta dinâmica pressupõe, como diz Brittan (1973), "que os actores estão altamente conscientes das suas intenções — de que eles estão conscientes do facto de que estão numa situação parecida com um jogo [game-like situation]. Por conseguinte, eles questionam-se sobre a natureza do jogo que estão a jogar e sobre o modo mais eficaz de ganhar ou maximizar o seu desempenho [game-performance]" (p. 134). Decidir racionalmente significa, pois, fazer depender a decisão sobre qual o curso de acção a tomar da análise prévia das situações, actuando com um conhecimento o mais possível completo das implicações, consequências e possibilidades abertas pela acção.



